

O SURGIMENTO DA SENSIBILIDADE RELIGIOSA EM MAX HORKHEIMER:

TEOLOGIA E CRÍTICA A PARTIR DO SALMO 91

THE EMERGENCE OF RELIGIOUS SENSITIVITY IN MAX HORKHEIMER: THEOLOGY AND CRITIQUE FROM PSALM 91

OZIEL DA ROCHA (*)



(*) **Oziel da Rocha**

Pós-graduado em Gestão Educacional (FACULDADE APOGEU, GAMA-DF, 2011) Possui graduação em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (2009), graduação em Sociologia (2ª Licenciatura) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI - 2019). Atualmente, é professor da Secretaria Estadual de Educação - E.E. Marcolino de Barros' - filosofia -. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, sociologia, ética, religiosidade, responsabilidade e atualidades. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFU, linha: Ética e Política.

E-mail: filoziel@hotmail.com

Resumo: O trabalho apresenta a importância da religião dentro da filosofia de Max Horkheimer. A religião, a solidariedade, a compaixão, são temas que progressivamente se destacam na produção filosófica do autor. Com efeito, o autor critica a sociedade racionalmente administrada, incapaz de levar o ser humano à felicidade. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo principal evidenciar a trajetória de Horkheimer até a religião, ou seja, como ele se volta para os valores religiosos em sua fase tardia. Posto isso, o artigo analisa o comentário do autor ao Salmo 91, compreendendo como a religião pode despertar o amor, a solidariedade e a compaixão. Desse modo, almeja-se entender que a religião pode constituir uma forma de superação do mundo administrado.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Mundo Administrado; Compaixão; Religião; Max Horkheimer.

Abstract: The work presents the importance of religion within Max Horkheimer's philosophy. Religion, solidarity, compassion, are themes that progressively stand out in the author's philosophical production. Indeed, the author criticizes a rationally managed society, incapable of leading human beings to happiness. Thus, the main objective of the research is to highlight Horkheimer's trajectory towards religion, that is, how he turns to religious values in his late phase. That said, the article analyzes the author's comment on Psalm 91, understanding how religion can awaken love, solidarity and compassion. In this way, the aim is to understand that religion can be a way of overcoming the administered world.

Keywords: Critical Theory; Managed World; Compassion; Religion; Max Horkheimer.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, traçaremos como a religião surge na etapa tardia do pensamento de Max Horkheimer, elucidando como a experiência religiosa pode sustentar a justiça e a compaixão. O presente estudo sobre a religião em Horkheimer toma como fonte o comentário que ele faz do Salmo 91. O pensamento do filósofo frankfurtiano, mesmo com fases distintas, demonstra a preocupação desde o início com as questões que atingem o ser humano. Na Alemanha, pós Primeira Guerra Mundial, o autor percebe a emergência de se fazer uma interlocução com Karl Marx, passados 50 anos de sua morte, frente aos movimentos revolucionários que fracassaram no palco da história. Esses primeiros trabalhos, para os que desconhecem a amplitude do pensamento de Horkheimer, fizeram com que muitos o colocassem como discípulo teórico de Marx. Porém, a teoria crítica, que marca a identidade da Escola de Frankfurt, não pode ser confundida como continuidade do marxismo, mas é o ato de retomar o próprio pensamento frente às necessidades que se interpõem à intelectualidade como desafio.

O Iluminismo, com a promessa de uma sociedade mais feliz a partir da realização material e da “lucidez” do pensamento, não cumpriu a tarefa de tornar a sociedade mais justa e solidária. Os sujeitos que vivem em sociedades opulentas, como a que Horkheimer conheceu nos Estados Unidos da América, vivem de forma administrada, controlados pela razão instrumental, sem o direito de escolher sobre o futuro da humanidade. Essa visão surte em Horkheimer o pessimismo diante desse mundo administrado. Assim, ele vê no pessimismo de Arthur Schopenhauer uma crítica antecipada do que a sociedade viria a ser a partir das escolhas do século XIX.

Horkheimer volta seu olhar para o sentimento religioso, pois esse se preocupa com o sofrimento humano e tem compaixão do outro. A religião dá ensejo para que a comunidade fraterna se estabeleça, cuja justiça não está limitada aos protocolos humanos, mas encontra amparo para além desse mundo. O pensador recorda que a religião não se

confunde com as instituições e seus dogmatismos, contaminados pelo mau uso da religião. Mas a sua sensibilidade religiosa aponta sempre para algo maior, não definido, além da razão titubeante, incapacitada de resolver as mazelas do mundo, pois a razão, ao se tornar instrumental, cumpre a agenda de justificar a administração do mundo.

1. HORKHEIMER E A TEORIA CRÍTICA

A filosofia de Max Horkheimer é melhor compreendida levando em consideração as fases do seu pensamento. Nos escritos da primeira fase, década de 30, cujo grande interlocutor é Karl Marx, seu pensamento mira o materialismo interdisciplinar; nos anos 40, percebe-se a forte crítica à racionalidade instrumental e sua preocupação com a vida dominada e administrada, dialogando com Max Weber. A questão religiosa eclode a partir dos anos 50, em suas reflexões tardias, no qual retoma Schopenhauer, autor muito lido em sua juventude.

No texto de juventude “Filosofia e Teoria Crítica”, posfácio ao artigo “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, Horkheimer trava diálogo com Marx passados 50 anos desse interlocutor. Todavia, o entendimento dessa interlocução obseda a compreensão do contexto alemão que antecede a década de 1930. A Alemanha passa a ser um Reino a partir de 1870. O último Kaiser obriga a entrada alemã na Primeira Guerra Mundial. No pós-guerra, surge a República de Weimar (1919-1933), período em que surgem vários movimentos revolucionários que fracassaram. A nação estava mergulhada numa crise econômica e política na qual emerge o nacional-socialismo.

Diante do contexto elencado acima, Horkheimer, primeiramente, reflete sobre a importância de a teoria crítica estar voltada para o ser humano e suas grandes questões, o que aponta outra direção que não é aquela da teoria tradicional identificada com cartesianismo. Desse modo, o filósofo observa que

Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as situações reais, nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores. (HORKHEIMER, 1983, p. 155).

A partir dessa abordagem, Horkheimer critica a passividade das ciências diante das questões sociais. Tanto os cientistas quanto os humanistas carregam o conformismo social. Estrategicamente, em seu texto, o diretor do Instituto de Pesquisa Social vai ao idealismo alemão para afirmar que a teoria crítica tem parte no idealismo alemão, ou seja, existe um idealismo na construção dos fatos, levando ao conformismo. Porém, a teoria crítica não é idealista, mas um comportamento comprometido com metas históricas, interessada racionalmente pela atividade humana. Ela tem o papel elucidativo sobre a sociedade.

O filósofo frankfurtiano, nos primeiros escritos, não vê uma saída que esteja ancorada somente na realização material do indivíduo. Sua compreensão materialista é ao mesmo tempo uma crítica e uma abertura para uma práxis efetiva da mudança social. Ou seja, a verdadeira emancipação do ser humano não se concretiza apenas pelo viés econômico, mas também pela via cultural. Ao dialogar com as tendências de mudança social, em seus primeiros escritos, ele aponta para a necessidade de uma mudança não só na forma de produção da vida material, mas também cultural, compreendendo que o aspecto econômico por ele mesmo não é suficiente para a emancipação social.

O mundo envelhecido se desmantela devido a um princípio de organização econômica ultrapassado. A decadência cultural está implicada nisso. A crítica teórica e prática tem que focalizar inicialmente a causa primeira da miséria, a economia. Mas, julgar também as formas da sociedade futura, baseando-se apenas na sua economia, não seria um pensamento dialético, mas sim mecanicista. A transformação histórica não deixa intocáveis as esferas culturais. (HORKHEIMER, 1983, p. 158-159).

O contexto político e econômico de Horkheimer nos anos 30 o faz voltar-se para as questões sociais em torno do fator econômico, considerando a possibilidade de uma economia planificada nessa primeira fase. Sabendo que o planejamento econômico na Alemanha serviu para disseminar ideias reacionárias, a preocupação da teoria crítica não está voltada apenas para resolução das questões econômicas, mas sim com o que de fato é capaz de tornar a vida humana uma realidade fundada na felicidade autêntica. Isto significa que o solavanco de uma vida material satisfeita, não necessariamente a torna saudável, ao contrário pode deixá-la mecânica e perfeitamente administrada dentro da grande engrenagem social.

2. O MUNDO ADMINISTRADO

Em 1947, período no qual o Instituto estava nos Estados Unidos, surge a *Dialética do Esclarecimento*. Essa obra reflete o pensamento de Adorno e Horkheimer sobre a evolução cultural nas modernas sociedades de massa. Os autores deixam de lado a confiança na razão. A solução dos problemas sociais e a promessa de felicidade arvoradas na razão não tornaram a sociedade mais feliz. O poder do sistema capitalista, segundo essa análise, ludibria o sentido real da existência fazendo com que os indivíduos se adaptem ao pré-estabelecido. A vida humana, mergulhada nas escolhas programadas, passa a fazer parte de um todo concatenado e organizado, sem a necessidade da participação e elaboração do futuro da humanidade, sem ainda a possibilidade de uma resistência crítica.

O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado. Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, p. 9).

Com a *Dialética do Esclarecimento* os autores evidenciam a morte da razão kantiana, sufocada pelas relações de produção e consumo capitalista. Os tentáculos das relações de consumo no mundo capitalista passam a ser de tal forma que àqueles que estão fora dessas relações, seguem como meta de vida a inclusão nesse padrão.

Max Horkheimer é o pensador no embate contra o dilaceramento da vida. Suas obras expressam uma militância intelectual contra a auto-regulamentação da ciência, da política, da economia e das filosofias positivas, que hasteiam o imperativo da ordem e do progresso econômico-capitalista, tornando-se assim indiferente à afirmação das singularidades existenciais. (MORAES JÚNIOR, 2007, p. 30).

No mundo administrado, o homem vive em função do trabalho, sendo seus momentos de lazer a restauração para retornar aos afazeres laborais com mais intensidade. Horkheimer tem uma postura pessimista em relação à transformação do mundo no plano histórico, pois o mundo administrado não dá muito espaço para o ser autêntico, assim lança sua crítica juntamente com Adorno:

Os traços radicalmente individuais e irredutíveis de uma pessoa são sempre duas coisas num só: o que não foi totalmente capturado pelo sistema dominante e sobrevive para sorte nossa e as marcas da mutilação que o sistema inflige a seus membros. Esses traços repetem de maneira exagerada as determinações básicas do sistema: na avareza, por exemplo, a propriedade fixa; na doença imaginária, a autoconservação irreflectida. (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, p. 113).

Essas reflexões marcam os novos rumos do pensamento de Horkheimer que vê na sociedade administrada o crescimento da indiferença e da apatia. Nesse escrito, Adorno e Horkheimer observam como que a vida aparentemente satisfeita carrega insatisfações e doenças psicológicas suplantadas pela falsa imagem do bem-estar. Aos poucos o pensamento de Horkheimer aponta para o indivíduo, pois é nele que reside o germe da resistência. Os agrupamentos sociais soam de forma suspeita, pois podem suplantam a autonomia individual em nome da coletividade.

3. SENSIBILIDADE E SENTIMENTO RELIGIOSO EM HORKHEIMER

Influenciado pelo conceito de “mundo administrado”, Horkheimer vai em direção à aporia. A retomada de Schopenhauer, lido na adolescência, se tornou fundamental para o despertar da sensibilidade no autor. A preocupação com o sofrimento e a compaixão advêm da metafísica schopenhaueriana, incorporados a sua filosofia materialista. “Por isso, mesmo com o desenvolvimento de sua perspectiva materialista, ele não abandona seu comprometimento com o amor, a compaixão e preocupação com a felicidade dos homens e o horror pelo sofrimento humano.” (FERREIRA, 2018, p. 14).

Para Horkheimer, Schopenhauer teria previsto o desembeque do desenvolvimento tecnológico, ou seja, a não produção de seres melhores e mais realizados. A sua filosofia pessimista se dá pela antecipação do que se tornaria o mundo. O filósofo é um anteparo ao projeto iluminista de mudança social, demonstrando os limites da sociedade.

A história da economia não deixa de ter sua parte na ascendente fama de Schopenhauer. Pois o triunfo da técnica e o desenvolvimento da indústria, que se encontram na “interação” – categoria odiada por Schopenhauer – com aquela, não proporcionou aos homens a existência mais feliz que se esperava. (HORKHEIMER, 2018, p. 182).

Horkheimer tem a preocupação com a felicidade do ser humano. Esse amor não está ligado à satisfação material ou afetiva, mas de considerá-lo como membro de uma humanidade feliz. A moral materialista não dogmatiza seus princípios nem dita regras afirmativas universais: “é, antes, negativa. É a rejeição da existência percebida como ruim, injusta. Conjunto à experiência material de injustiça e infelicidade, agrega-se ao sentimento moral o de revolta e solidariedade com os que estão injustamente excluídos da felicidade.” (FERREIRA, 2018, p. 26). Nesse sentido, a moral materialista denuncia a pretensão de universalidade da moral Kantiana, uma vez que ela tenta integrar os valores burgueses do individualismo com a ética do dever.

Para o filósofo de Frankfurt, o fundamento da moral não está no formalismo moral burguês, mas tem como princípio a compaixão, que por sua vez é a antecipação de uma humanidade feliz. Os injustiçados veem na religião a compensação de suas mazelas, sendo o sentimento religioso um protesto diante da ordem injusta do mundo. Ao se voltar para a religião como saída para a realização da justiça, o filósofo se distancia da tradição marxista que a concebe como algo que ludibria as pessoas.

Para a compreensão da alienação religiosa em Marx e Engels, um olhar rápido sobre Feuerbach se faz necessário. Ele vê a religião como uma projeção humana, uma forma de antropologia. “Na religião há uma carência da consciência de si do homem. Essa carência é a base da religião, onde o homem (religioso) aliena a sua essência.” (ALVES, 2010, p. 72). Parte do pressuposto de que a religião é a causa da alienação humana, projetando-se em Deus para depois projetar a si mesmo. “A religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo ou, mais corretamente: com a sua essência; mas o relacionamento com a sua essência como uma outra essência.” (FEUERBACH, 1988, p. 57). Logo, a crítica feuerbachiana à religião representa, portanto, uma crítica ao poder ilusório que ela pode trazer, sendo necessário uma consciência humana mais real, pois “a alienação religiosa, segundo Feuerbach, é tomar como Deus algo que, na verdade é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo” (ZILLES, 1991, p. 108). O conceito de alienação de Feuerbach se tornou importante para os pensadores marxistas do século XIX, considerando que a religião está diretamente ligada à formação da consciência das pessoas, levando-as a determinadas ações.

Marx começa sua abordagem sobre religião na “Introdução à crítica da filosofia do direito” de Hegel. Mas o estudo propriamente da religião como realidade histórica e social se dá em *A ideologia alemã*. A religião, como ideologia, faz com que a exploração seja legitimada. Marx contribui com a análise da religião, vendo-a relacionada ao desenvolvimento econômico e social global da sociedade.

Horkheimer, ao se voltar para o sentimento religioso, não está apegado à institucionalização da religião que se distancia de seu núcleo central ao se tornar, no caso do cristianismo, a religião oficial do Império Romano. Constantino com o Edito de Milão (313 d.C.) inicia, no Império Romano, um momento de grande liberdade para os cristãos e o imperador aposta no cristianismo como elemento unificador do Império. A Igreja começa a desenvolver seu poder hegemônico, de seita perseguida à religião oficial do Império. O Edito de Milão teve como consequência a neutralização das classes subalternas pela união da hierarquia eclesiástica com o Império, reconhecendo o cristianismo como ideologia oficial e a Igreja como aparelho ideológico do Estado.

O cristianismo primitivo constituiu um movimento de massa popular no qual os subalternos se viram integrados a um movimento cuja figura central com o seu estilo de vida marginal criou uma identidade capaz de abarcar escravos, empobrecidos e fazer com que a vida tivesse sentido, mesmo na hipótese de perdê-la. O cristianismo se caracteriza pelo elemento apocalíptico, dentro de uma linearidade histórica, apontando para um fim onde todas as coisas serão consumadas. O messianismo, que tem sua raiz no profetismo, se ancora na mensagem segundo a qual haverá o dia da justiça do Senhor. A categoria Reino de Deus, pregada nos Evangelhos, sublinha que a pátria do cristão não é terrena, mas está em outro lugar, o que gera o desapego material. As comunidades partilhavam os bens de forma a minimizar as necessidades materiais uns dos outros, não havendo uma socialização da produção por não se tratar de uma categoria específica de trabalhadores, mas de pessoas com atividades diversificadas e cujos bens eram divididos, não socializados.

Evidentemente, o filósofo se evade das formas religiosas que servem para manter as estruturas do mundo administrado. Ele reflete sobre duas formas de religião; uma que toma a religião enquanto instituição consolidada como é o caso das igrejas Católica e Protestante, que além da vida espiritual, estão coadunadas com a esfera do poder, nos quais

outros interesses não religiosos estão em jogo. Por outro viés, concebe a religião em seu sentido central, como impulso de transcendência, como anseio, o “já e ainda não” da vida dos homens. Nesse sentido, Rafael Silva assevera em seu estudo que:

A referência ao outro, diferente do que é, será buscada cada vez mais insistentemente no pensamento teológico. Mas a religião parece significar a adesão a pontos de vista dogmáticos. Horkheimer trata então de mostrar que qualquer certeza erigida em dogma, como a existência de um Deus Todo-Poderoso ou a recompensa da vida eterna após a morte, que sirva para justificar um sentido para o sofrimento, não passa de religião no mau sentido. (SILVA, 2005, p. 92).

Tanto o cristianismo como o judaísmo carregam em sua gênese a preocupação e o amor para com o próximo. É justamente essa categoria que chama atenção do filósofo ao se voltar para a questão teológica. Ou seja, a ideia de amor ao próximo se torna escopo moral capaz de conduzir os seres humanos à solidariedade universal.

Horkheimer, como descendente de família judia, tinha conhecimento das tradições judaicas e bom entendimento da teologia e do movimento cristão. Em seus escritos religiosos, a questão da justiça, ligada à transcendência transparece diante do conhecimento que o autor possui da tradição judaica. Em seus escritos religiosos, o filósofo cita o Salmo 91 – *Quem habita na proteção do Altíssimo* – de 1967, que trata da confiança em Deus como aquele que há de fazer justiça às pessoas. O injustiçado busca auxílio no altíssimo e essa necessidade é real diante dos perigos que circundam a vida humana.

Ao olhar para o totalmente Outro, o Altíssimo, para usar as palavras do Salmo, surge a não conformidade com o mundo dado que manipula inescrupulosamente e faz sofrer. “Ele recorre à teologia, pois tudo que resta ao teórico crítico é o anseio de crer que esse mundo não é o absoluto. Por isso, Horkheimer é pessimista quanto aos rumos que toma a sociedade.” (FERREIRA, 2018, p. 80). O olhar para Deus, deve denunciar também a opressão e a violência em nome da religião, sendo assim o impulso para a transformação do mundo está sedimentado num horizonte comum daqueles que não se conformam com a mera existência dada. Desse modo, Horkheimer afirma que:

[...] o jovem não reflete sobre o fato de que seu amor pela verdade, seu desprezo pela manipulação de grupos de poder inescrupulosos se deve, em última instância, justamente àquela fé que agora denuncia. Mesmo através do sarcasmo amargo com que nega a totalidade, ele inconscientemente reconhece a nostalgia que é inseparável do pensamento do paraíso. Só que ele não vence o desespero com qualquer afirmação consoladora, mas o transforma no impulso de sua rebelião. (HORKHEIMER, 2000, p. 107).

O filósofo entende que a confiança em Deus é uma forma de denúncia perante as mazelas do mundo. Os massacres pelos quais passou o povo judeu demonstram a experiência de confiança na justiça que se realizará, mas enquanto ela não se realiza em sua plenitude a confiança em algo maior, denuncia a perversidade imputada ao mundo pelos homens. A ideia de povo no judaísmo tem a ver não só com os que estão vivos, mas também com os que estão mortos e não viram a justiça, sendo que aqueles que a verão acontecer não esquecerão os seus mortos pela injustiça. As atitudes de fidelidade à Torá refletem o messianismo coletivo e a missão do povo escolhido não como privilégio, mas como a empreitada de fazer memória aos valores da justiça e do amor, caros ao judaísmo. Tanto o messianismo coletivo do povo judeu como o individual ligado à pessoa de Jesus sobrepujam a justiça.

Não muito diferente da figura de Jesus no cristianismo, o Judaísmo como um todo, testemunha a redenção. Unir a sua doutrina do reino messiânico com a doutrina evangélica de uma alma individual autônoma perante a sociedade, de modo que a determinação do sujeito implique ao mesmo tempo a realização da justiça na terra: me parece que tal tarefa não recai apenas sobre a teologia, mas também sobre a cultura do Ocidente. (HORKHEIMER, 2000, p. 108).

Na leitura sobre a confiança em Deus, Horkheimer salienta que apenas a razão não basta. O imperativo categórico kantiano confere à razão o poder e autonomia de decidir sobre a ação ética, tomando o outro como fim, porém a razão autônoma está presa ao mundo e nada nesse mundo pode pretender a plena autonomia, pois tudo se mantém pelo poder que advém de Deus. Na modernidade, o homem se refugia no poder da razão, o que não é suficiente para ter compaixão diante do sofrimento do outro. Desse modo, “a partir do reconhecimento da dor do outro e das próprias limitações, Horkheimer anseia o florescimento do sentimento moral compassivo.” (FERREIRA, 2018, p. 80). O filósofo encerra seu texto sobre o Salmo 91, mirando no amor, capaz de tornar o homem verdadeiramente humano:

quando um pai educa seu filho no pensamento e uma mãe o contempla na esperança de que ele se coloque a serviço dessa felicidade infinita (...), esse filho experimentará o amor e será capaz de refleti-lo por sua vez; amor no sentido enfático, que torna o homem humano. (HORKHEIMER, 2000, p. 110).

Esse amor, refletido por Horkheimer, é o que se relaciona com a responsabilidade pelo outro e pelo mundo, visando a felicidade desarraigada do mundo administrado que confunde bem-estar material com a sensação de dever cumprido ao atingir as metas impostas pelo sistema. A felicidade infinita não está nesse mundo limitado, mira o ilimitado, não como uma quimera impossível, mas como a consciência de que é necessário um salto para fora do sistema opressor e manipulador. O abandono na transcendência; reflete também uma crítica no poder da razão, encerrada nas categorias do mundo. A fé questiona a razão, demonstrando que a realização humana não está apenas ancorada no pensamento, mas exige sempre algo mais. O ser religioso transita no mundo, na consciência de sua finitude, pois aposta na ideia de que existe algo maior que a limitada existência. Contraditoriamente, o homem com sua consciência imanente ao mundo, corre o risco de se esquecer de sua vida limitada. Preso aos desejos sempre maiores de consumo e de uma vida eficiente em termos de trabalho, explorado pelo capital, tem sua vida reduzida ao binômio produzir e consumir, e direciona o seu desejo pela felicidade infinita ao mundo finito, limitado, consumidor das energias vitais.

O olhar para a religião evoca a sensação de um paraíso perdido que precisa ser resgatado. O Salmo 91, lido por Horkheimer, dá ensejo para se pensar que estar na presença de Deus significa a tentativa do resgate desse paraíso, o retorno ao que fora perdido. Se no livro do Gênesis, simbolicamente, existe um distanciamento entre Deus e o ser humano, por causa do pecado da desobediência, a interpretação do Salmo pode apontar para essa retomada do itinerário humano a ser realizado com o Altíssimo.

Os textos que falam das origens, como o livro de Gênesis são compostos de narrativas míticas e simbólicas que levam em consideração o tempo presente da escrita. Sem pretensão de fazer exegese bíblica, o relato do pecado de Adão e Eva, pais da humanidade, é carregado de sentido social. A serpente que induz ao pecado, simboliza o poder opressor. Nas coroas dos faraós, antigos opressores do povo judeu, estavam esculpidas as serpentes simbolizando o poder. Ou seja, ao tentar dar sentido às suas origens, através da narrativa, Israel faz sua crítica social em relação ao papel da mulher,

do trabalho e da ética. No fundo, é também uma crítica aos reis israelitas que também exploram à semelhança dos antigos dominadores.

Fazer opção por um sistema injusto que explora o ser humano, é desagradar ao criador que coloca os bens à disposição da vida. O jardim do Éden representa o lugar da abundância, da partilha e não da mesquinha social. O parto da mulher se torna sofrido porque num sistema que exaure o trabalho até às suas últimas forças, danificando a saúde e levando os indivíduos para a morte precocemente, surge a necessidade de aumentar a população para garantir a força de trabalho que sustenta a injustiça.

A justiça humana não tem a sua totalidade no palco da história. Muitas vezes, é confundida com a capacidade de consumo e inclusão de grupos marginalizados. Ao se voltar para a religião judaica e cristã, Horkheimer vê na religião a possibilidade da realização da compaixão não encerrada nos meandros da história. Ele não analisa as estruturas religiosas e suas instituições, mas os sentimentos que estão na gênese dessas religiões. O judaísmo traz à tona a confiança em Deus como negação das injustiças e violência impetradas no mundo. Na mesma esteira, o cristianismo faz memória à vida de Jesus de Nazaré, cuja lição de solidariedade que deixou aos seguidores foi a de que a justiça dos homens não é a mesma de Deus, pois essa se pauta pelo sentimento de amor infinito que a razão presa ao mundo não é capaz de traduzir em sua lógica racional-formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Horkheimer; permite analisar os tempos hodiernos nos quais a dominação da vida se agrava com o fenômeno das redes sociais. A vida administrada do momento histórico do filósofo, pode ser percebida e alargada no tempo presente ao percebermos que a tecnologia, os robôs cibernéticos investigam preferências e selecionam conteúdos para estimular o consumo.

A sociedade movimenta-se em fluxo contínuo de transformação. Estamos em vários lugares ao mesmo tempo, não há sobreposição do espaço sobre o tempo. Avançamos para a cultura da iconoclastia computadorizada. Realidade paradoxal, uma vez que se conhece o mundo, mas não se cria relações duradouras com quem está ao nosso lado. A avalanche de símbolos não aponta para o sobrenatural, mas reforçam o

individualismo e o ego. Eis a cultura dos perfis heroicos da internet, contrapostos ao fracasso existencial de sentido, reflexos do individualismo assolador.

No bojo dos produtos que se pode adquirir para o estilo de vida individualista, está a religião. Adquire-se o mais apazível, o que se torna um desafio para uma fé que preza pela vivência comunitária de abertura e cuidado com o outro. Ser religioso significa, buscar no horizonte da transcendência, o amor e a compaixão, ameaçados pela deturpação da religião, utilizada para alienar e tornar a vida dos injustiçados mais sofrível, abandonados à própria sorte.

A sensibilidade religiosa ultrapassa o imediatismo, pois é profética, engajada na história, escatológica, no sentido de apontar a transcendência do “já e ainda não”. Aí se faz mister conscientizar-se de que a vivência dinâmica da fé; atravessa a cortina do individualismo, colocando-se à sombra da transcendência, denunciando e tendo esperança na possibilidade de ver um mundo menos sofrível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max (1969). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos* 1947. Frankfurt. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf>, acesso em 25 de jun. 2021.

ALVES, Wodson Vieira (2010). “A Crítica Feuerbachiana da Religião: Um Contributo à Compreensão do Conceito de Alienação Religiosa”. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, maio/2010: 71-76. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/reveleleo>. Acesso em 15/07/2019.

FERREIRA, Marcelo Lacerda (2018). *Sensibilidade Para Uma Sociedade Administrada: Moral e Religião em Max Horkheimer*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

FEUERBACH, Ludwig (1988). *A Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: Papirus.

HORKHEIMER, Max (2000). *Anelo de Justiça: Teoria Crítica e Religião*. Ed. Juan José Sanchez. Madrid: Trotta: 242 p.

HORKHEIMER, Max (1983). “Filosofia e Teoria Crítica” in *Textos Escolhidos* by W. Benjamin, J. Habermas, M. Horkheimer and T. W. Adorno, 3. ed. Tradução de Edgard Afonso Malagodi e Ronaldo Pereira Cunha. São Paulo: Abril Cultural: 155-161.

HORKHEIMER, Max (2018). “Schopenhauer e a Sociedade”. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 9, n. 2, jul.-dez. 2018: 180-189.

MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro (2007). “A Religião na Reconstrução de uma Teoria Crítica Social em Max Horkheimer”. *Revista Eletrônica Correlatio*, n. 11, jul., 2007: 29-40.

SILVA, Rafael Cordeiro (2005). “Sensibilidade Estética e Sentimento Religioso na Filosofia de Max Horkheimer”. *PHILÓSOPHOS*, v. 10, jan.-jun., 2005: 79-96.

ZILLES, Urbano (1991). *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas.